

UMA ANÁLISE DISCURSIVO-FUNCIONAL DOS PROCESSOS REFERENCIAIS ENCAPSULADORES EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Laurenci Barros Esteves¹

Patrícia Sousa Almeida de Macêdo²

Resumo: Este artigo corresponde a um recorte de nossa pesquisa de mestrado, intitulada “As funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores em artigos de opinião”. A partir desse recorte, propomos, aqui, uma reflexão crítica sobre os processos referenciais encapsuladores, bem como investigar de que modo esses processos são empregados como recursos coesivos multifuncionais associados à construção de textos pertencentes ao gênero artigo de opinião. Para tanto, baseamo-nos nos estudos da referenciação proposta por e Mondada Dubois (2003). A partir de uma abordagem sociocognitiva-discursiva, caracterizamos os tratamentos dados por Francis (2003), Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007) aos processos referenciais encapsuladores e apontamos as principais lacunas desses trabalhos, os quais também se norteiam por critérios formais para estabelecer o que são esses processos, quais as suas funções e os seus limites no texto. Assim, expomos como os processos referenciais encapsuladores não apenas condensam uma porção cotextual, mas também garantem o fluxo informacional, estruturam o texto e contribuem diretamente para a elaboração da argumentação, numa perspectiva que transcende uma abordagem formal para a referenciação.

Palavras-chave: Referenciação. Processos referenciais encapsuladores. Multifuncionalidade.

Abstract: *This paper is a theoretical perspective of our masters' degree research titled “The discursive functions of the referential encapsulation processes in opinion piece”. Here we propose a critical approach to the referential encapsulation processes, as well as to investigate the way these processes are used as a cohesive and multifunctional recourse, which is linked to the construction of the coherence in the opinion piece genre. For that, we consider the referentiation theory by Mondada and Dubois (2003). Based on a sociocognitive-discursive view, we define the approaches proposed by Francis (2003), Conte (2003) and Consten, Knees and Schwarz-Friesel (2007) to the referential encapsulation processes and we indicate the gaps in these works, which are guided by formal criteria in order to define these processes, its functions and its limits in the text. Thus, we expose how the referential encapsulation processes do not only condense a cotext portion, but also guarantee the informational flow, structure the text and contribute to the argumentation in a perspective that transcends a formal approach to referentiation.*

Keywords: *Referentiation. Referential encapsulation processes. Multifunctionality.*

¹ É mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC sob a orientação da Prof^a Dr^a Mônica Magalhães Cavalcante, membro do PROTEXTO – Grupo de Pesquisa em Linguística da UFC e bolsista de mestrado do CNPq-Brasil. Correio eletrônico: lbsteves@gmail.com

² É mestra em Linguística pela Universidade Federal do Pará, doutoranda em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC sob a orientação da Prof^a Dr^a Mônica Magalhães Cavalcante e professora Assistente da Universidade Federal do Pará. Correio eletrônico: pat-alm@hotmail.com

O estudo dos processos referenciais é uma das principais preocupações da Linguística Textual dentro e fora do Brasil. As investigações sobre esses processos permitem aos linguistas compreender de que forma o homem constrói um texto coerente nas mais diversas situações de interação. Para tanto, as teorias com as quais a Linguística Textual opera foram e continuam a ser frequentemente ampliadas e melhoradas, embora muito ainda tenha que ser (re)construído.

A relação entre a referenciação e a coerência textual é inegável. Ao compreendermos a coerência como o sentido que cada um de nós atribui a um texto, passamos a levar em consideração aspectos sociocognitivos como determinantes para o processamento de textos de qualquer extensão ou configuração. Nesse sentido, os processos referenciais desempenham um papel central no processo de construção textual.

O nosso interesse pelos processos referenciais e, especificamente, os processos referenciais encapsuladores, surgiu a partir dos trabalhos desenvolvidos por Francis (2003), Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007). Embora esses linguistas reconheçam que os processos referenciais encapsuladores são multifuncionais, percebemos que, ao contrário do que preconiza a Linguística Textual desde o início da década de 1990, os autores ainda definiam esses a partir de uma mesclagem entre critérios formais e funcionais, quase sempre com um foco maior nos aspectos formais.

Propomos, a partir de um recorte de nossa pesquisa de mestrado intitulada “As funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores em artigos de opinião” (ESTEVEZ, 2015), abordar criticamente a teoria presente nessas obras e, para tanto, realizamos um apanhado teórico do que a Linguística Textual define, hoje, com relação às três categorias maiores de processos referenciais. Para tanto, partimos dos estudos de Cavalcante (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), com ênfase nas concepções do que são: (i) a introdução referencial e (ii) as anáforas. Detemo-nos mais detalhadamente aos estudos dos processos referenciais encapsuladores e ao tratarmos do que tem sido dito atualmente sobre esses processos, recorreremos também às considerações de Silva (2013) e Sousa e Lima (2015), autores que estudam as funções discursivas de um tipo diferente de introdução referencial, a introdução referencial encapsuladora.

Posteriormente, com o intuito de verificar de que modo o caráter multifuncional dos processos referenciais encapsuladores se revela no cotexto, nos deteremos à análise de um *corpus* constituído por três artigos de opinião sobre assuntos relacionados à programação da televisão brasileira. A nossa escolha por esse *corpus* advém da relevância do artigo de opinião, pois textos pertencentes a esse gênero tendem a ser bem escritos e a levantar questionamentos concernentes à realidade atual de uma dada sociedade, na medida em que versam sobre variados assuntos.

Referenciação e (re)elaboração da realidade

A teoria da referenciação considera que os objetos de discurso ou referentes não são dados *a priori*, mas que são resultantes dos processos cognitivos do homem envolto pelo mundo e que viabilizam a elaboração de categorias plásticas através da categorização. Segundo Cavalcante (2011), é através da expressão referencial que os referentes são formalmente manifestados na superfície textual, embora possam ser construídos a partir de diferentes substratos, o que é salientado por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

A instabilidade das categorias, como comentam Mondada e Dubois (2003), é constitutiva, inerente a estas, e perpassa os processos de estabilização das próprias categorias. Essa instabilidade é defendida por Mondada e Dubois (2003) como constitutiva dos objetos de discurso, que se desenvolvem a partir de processos comuns às interações individuais e também sociais entre sujeito, sociedade e mundo. Os referentes passam a ser considerados, dentro da abordagem teórica da referenciação, entidades construídas mentalmente através da enunciação de um texto, isto é, a realidade é reconstruída textualmente.

Assumir o posicionamento de que os objetos de discurso são instáveis nos leva a considerar o princípio de que as relações entre as palavras e as coisas, por consequência, são igualmente instáveis, pois os objetos de discurso são transformados a todo tempo, a depender do contexto em que são ativados e dos propósitos comunicativos dos participantes que estão em interação. A transformação que o referente sofre na progressão textual é chamada de recategorização e pode ocorrer em todos os tipos de textos.

Outro pressuposto da teoria da referenciação equivale à colaboração entre os sujeitos para a construção dos objetos de discurso. Essa colaboração é a negociação de sentidos entre os sujeitos e garante o caráter dinâmico da referenciação, visto que os sujeitos modificam os referentes progressivamente quando interagem e, por conseguinte, as alterações sofridas pelo referente fazem com que o texto se desenvolva. Essa colaboração é intrínseca à linguagem porque envolve não somente a interação entre enunciador e coenunciador, mas as próprias estratégias discursivas que empregamos para orientar o entendimento dos enunciados que produzimos rotineiramente e o nosso posicionamento diante do que lemos ou ouvimos.

Os processos referenciais

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), os processos referenciais não figuram necessariamente a partir da ocorrência expressões referenciais no âmbito discursivo, o qual surge a partir do texto e se configura como o espaço em que os objetos de discurso sofrem mudanças progressivas por conta da ação dos interlocutores que os evocam. A acessibilidade do referente, para os autores, pode ser tomada num sentido amplo, em que não carece de uma manifestação formal no cotexto, pois os referentes, mesmo que não estejam explícitos no cotexto, estão presentes no mundo discursivo.

A existência de uma memória discursiva, definida como os saberes que são compartilhados pelos sujeitos no momento em que há uma troca conversacional, perpassa as situações de interação entre os indivíduos e nos permite, de igual modo, ativar modelos cognitivos para que processemos os mais diversos textos (BERRENDONNER, 1994). É na interação entre os indivíduos que os objetos de discurso ganham vida e são desativados, reativados ou enriquecidos.

Berrendonner (1986) concebe a utilização de elementos anafóricos como uma forma de retomada informacional complexa que necessita do saber construído no texto e dos conteúdos de caráter inferencial identificáveis a partir de formas linguísticas. Essa perspectiva é complementada pelo estudo de Koch (2004), que reconhece o papel de estratégias de referenciação na construção da memória discursiva, quais sejam:

1. construção: pela qual um ‘objeto’ textual até então não mencionado é introduzido [...];
2. reconstrução: um nóculo já presente na memória discursiva é reintroduzido na memória operacional, [...];
3. desfocagem: ocorre quando um novo objeto-de-discurso é introduzido, passando a ocupar a posição focal. [...] (KOCH, 2004, p. 4).

A utilização dessas estratégias permite a estabilização do modelo textual, o qual é constantemente transformado através dos processos referenciais. Os endereços cognitivos passam a ser, portanto, modificados a todo momento. No processo de compreensão, ocorre assim um desdobramento da unidade de representação complexa por conta do acréscimo constante de novas categorizações e/ou avaliações do referente (KOCH, 2004).

Ao levarem em conta essas considerações, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) reforçam que os estudos sobre os processos referenciais tendem a reconhecer três processos centrais que são utilizados na construção da coerência e da coesão textual/discursiva, quais sejam: (i) a introdução referencial; (ii) a anáfora; (iii) a dêixis. Nos deteremos, aqui, à introdução referencial e à anáfora direta, pois a partir do entendimento desses dois processos referenciais poderemos explicitar o que são e como operam os processos referenciais encapsuladores.

a) A introdução referencial

Como o próprio nome atribuído a esse processo referencial revela, a introdução referencial equivale à ativação de um referente pela primeira vez no texto verbal ou verbo-visual. Vejamos o exemplo a seguir, retirado de Cavalcante, Brito e Custódio Filho (2014, p. 61, grifo nosso):

(1) *IDEIAS ROSAS*

[...]

Alguém, um dia, teve a ideia de prestar atendimento gratuito a mulheres com câncer de mama durante o mês de outubro. Algum tempo depois, *a ideia* pegou em vários estados dos Estados Unidos até se tornar lei. Outros países, a exemplo do Brasil, viram que *a ideia* do beija-flor era boa e decidiram imitar. [...]. (Jornal O Dia, Teresina, 20 out. 2012)

No exemplo (1), temos a introdução referencial “ideias rosas”, que surge pela primeira vez no título do texto. Notamos que essa expressão referencial é ativada a partir do objetivo de apresentar um determinado ponto de vista ao leitor, o qual será confirmado a partir da leitura do texto.

Para termos uma melhor noção das possibilidades do referente introduzido no cotexto por uma expressão referencial, podemos notar as duas anáforas “a ideia”, que foram grifadas. Essas anáforas retomam um objeto de discurso introduzido na primeira linha do texto pela introdução referencial “a ideia”, ou seja, há uma relação de correferencialidade.

b) As anáforas diretas

As anáforas podem ser concebidas como mecanismos de retomada, quer seja direta, quer seja indireta. São correferenciais ou diretas as anáforas que retomam um referente já introduzido no texto/discurso e, por sua vez, são não correferenciais ou indiretas as anáforas que não retomam exatamente o mesmo objeto de discurso. A existência de anáforas indiretas é desconsiderada por Halliday e Hasan (1976), que apresentam uma concepção restrita para o tratamento do referente no texto, como podemos verificar no seguinte exemplo, retirado de Halliday e Hasan (1976, p. 50, grifo nosso):

(2) “O meu marido e eu já estamos indo embora. *Nós* estamos fartos de aborrecimentos”.

No exemplo (2), notamos dois referentes: “o meu marido” e “eu”. O primeiro referente e o segundo referente que destacamos são retomados pelo pronome pessoal “nós”, ou seja, numa relação de pressuposição (HALLIDAY; HASAN, 1976). O sentido de “nós”, nesse caso, é recuperado pois esse pronome remete diretamente a dois referentes que são o marido e a mulher, o “eu” que produziu o enunciado.

Acreditamos que o postulado teórico defendido por Halliday e Hasan (1976) corresponde, na verdade, ao estágio inicial de uma teoria, pois os estudos contemporâneos da Linguística Textual tratam da correferencialidade como algo muito mais complexo e que transcende a simples pressuposição, como pode ser notado em

Apothéloz (2003), para quem a correferencialidade ocorre quando duas expressões designam, no discurso, o mesmo referente. Há, nesse caso, a anáfora dita “comum” ou, nos termos do autor, prototípica, embora Apothéloz (2003) defenda que a correferencialidade transcende a simples equivalência entre uma expressão referencial e um referente.

c) Os processos referenciais encapsuladores

Ao tratarmos dos processos referenciais encapsuladores, devemos atentar para o fato de que esse tipo de processo referencial foi e tem sido estudado por um grande número de linguistas e que, portanto, há diferentes vieses sobre a nomenclatura mais pertinente para esses processos, sobre sua natureza formal, sobre suas limitações no âmbito do texto e do discurso e, principalmente, sobre as suas funções discursivas. Esse tipo de anáfora foi, inicialmente, considerado como não correferencial, perspectiva sustentada por Cavalcante (2011). Discordamos desse viés, uma vez que, para nós, a anáfora encapsuladora materializa um referente difuso que pode estar presente não apenas numa porção cotextual, mas também na memória discursiva partilhada entre os sujeitos. Há, por isso, uma retomada direta de um referente.

Acreditamos ser importante, neste trabalho, apresentar um panorama geral das funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores a partir das concepções dos autores ditos “clássicos” e, para tanto, também consideraremos de forma mais detalhada as lacunas presentes nos trabalhos desses autores. Portanto, trataremos dos estudos realizados por Francis (2003), Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007).

Todos esses autores concordam quanto a uma propriedade essencial dos processos referenciais encapsuladores, que é a de resumir uma porção cotextual. Vejamos como Conte (2003, p. 178, grifos nossos) define o que é por ela chamado de encapsulamento anafórico:

O encapsulamento anafórico pode ser definido do seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual *um sintagma nominal* funciona como uma paráfrase resumidora para *uma porção precedente do texto*. Essa porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença).

Comungamos com a perspectiva da autora quanto à função resumitiva e quanto ao caráter também anafórico desse tipo de processo referencial. Entretanto, assinalamos duas limitações notáveis na definição da linguista, que restringe esse fenômeno aos sintagmas nominais e considera que apenas porções precedentes do texto são encapsuladas por essa anáfora. Lembramos, por isso, que a anáfora encapsuladora não ocorre apenas através de sintagmas nominais, mas que também pode ser um pronome anafórico, como é exemplificado no trecho retirado de Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007, p.108, grifo nosso, tradução nossa):

(3) “Jovens motoristas normalmente dirigem muito rápido. *Isso/ Esse fato/ Essa imagem/ Essa impertinência (...)*”³”.

O viés de Francis (2003) se revela ainda mais abrangente que o de Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007). A autora trata dos processos referenciais encapsuladores como uma “rotulação” e considera que esses processos referenciais não se limitam a resumir apenas uma porção cotextual antecedente, pois podem funcionar de forma catafórica (para frente) ou anafórica (para trás), o que equivale aos tipos considerados, respectivamente, como rótulo prospectivo e rótulo retrospectivo. No exemplo a seguir, retirado de Francis (2003, p. 193, grifo nosso), verificamos a ocorrência de um rótulo prospectivo e, de forma clara, notamos a sua função preditiva:

(4) Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve existir uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou *duas razões*:

A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

A concepção mais ampla de Francis (2003) para a ocorrência dos processos referenciais encapsuladores concebe a existência de um tipo híbrido de rótulo, o qual

³ No texto fonte: “Young drivers usually drive too fast. This/ this fact/ this image/ this impertinence...”

nomeamos como retroprospectivo e que faz, ao mesmo tempo, remissão para trás e para frente, mesclando uma anáfora e uma catáfora. A função avaliativa dos rótulos é também destacada pela autora e a associamos, como é feito por Conte (2003), à existência de um adjetivo na posição de núcleo do sintagma nominal encapsulador, normalmente constituído por um pronome anafórico ligado ao núcleo axiológico.

Apesar de apontarmos o maior grau de abrangência do estudo de Francis (2003) em comparação ao de Conte (2003) e Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007), como veremos posteriormente, discordamos do tipo de critério que a autora usa para nortear a classificação desses processos. O critério semântico-lexical que vemos em Francis (2003) revela-se muito limitador e implica, de fato, uma análise não linguística da constituição nuclear desses rótulos.

Ao categorizar os núcleos dos rótulos em nomes ilocucionários, de atividades linguageiras, de processo mental e de textos, Francis (2003) apresenta uma lista de lexemas que, supostamente, se encaixariam nessas categorias de forma fixa. Não julgamos apropriado, dentro do ponto de vista que defendemos, lidar com listas de lexemas que constituem os núcleos dos rótulos como se fossem dados *a priori*, como se fosse possível prevê-las para cada contexto de uso ou como se cada lexema tivesse um significado estanque. Reiteramos que as implicações desse tipo de constituição nuclear para o funcionamento do texto e do discurso são negligenciadas.

Conte (2003), por outro lado, entende os processos referenciais encapsuladores como um “encapsulamento anafórico” que, como destacamos, equivale a um pronome anafórico ou um sintagma nominal que resume uma porção cotextual. Para a autora, esse tipo de anáfora só resume uma porção cotextual precedente, sem qualquer função prospectiva ou retroprospectiva. Apesar desse tratamento mais restrito para a ocorrência dos processos referenciais encapsuladores, a pesquisadora destaca, em seu estudo, a função organizadora e argumentativa que esses encapsulamentos podem exercer no âmbito do texto, especificamente quando apresentam um núcleo axiológico, de modo similar ao que faz Francis (2003), ainda que não apresente nenhuma subclassificação das expressões encapsuladoras.

A proposta defendida por Consten, Knees e Schwarz-Friesel (2007) também carece de maior atenção, tanto por considerarem que os processos referenciais encapsuladores, por eles chamados de “anáforas complexas”, estão diretamente

relacionados à estabilização da coerência textual, quanto pela análise formal desses processos que realizaram a partir de um *corpus* constituído por mais de quarenta mil trechos retirados de textos jornalísticos em língua alemã.

Essa pesquisa apresenta uma série de limitações, pois trata das anáforas complexas sem investigar a fundo as suas funções discursivas e opera com a noção de tematização remática, pois os autores consideram que as anáforas complexas apresentam duas funções específicas: a ativação de um referente, função que, na verdade, é comum aos processos referenciais de um modo geral e a sumarização de uma porção cotextual precedente, o que desconsidera anáforas que podem ser prospectivas ou retroprospectivas.

Para os autores, outra importante função desse tipo de processo referencial é garantir a manutenção do tipo ontológico através de anáforas neutras (pronomes anafóricos) ou alterar o tipo ontológico da oração encapsulada. As implicações da manutenção ou da mudança do tipo ontológico, para o texto/discurso, são desconsideradas pelos autores. Como nossa perspectiva não pressupõe uma ontologia correspondente ao mundo real, muitas das constatações dos autores não interessam a nossos propósitos.

c.1 A introdução referencial encapsuladora

Um dos trabalhos mais significativos no que concerne aos estudos sobre a introdução referencial equivale à tese de doutorado apresentada por Silva (2013). O autor buscou, com essa pesquisa, descrever as distintas formas e funções do processo de introdução referencial, ou seja, a ativação de um referente, pela primeira vez, no cotexto. Calcado nos estudos de Cavalcante (2011), o pesquisador identifica a existência de um subtipo diferente de processo referencial, a introdução referencial encapsuladora, e examina a sua função no âmbito do texto. Vejamos o exemplo a seguir, retirado de Silva (2013, p. 97, grifo do autor):

(5) *Alberto tinha razão*

O valor médio cobrado por litro de gasolina nos postos de combustíveis piauienses é nada menos que R\$ 2,64. Fora o valor altíssimo e inviável para muitos, há o alerta nacional de

risco de blecaute nas bombas em diversos estados, inclusive Ceará e Maranhão, distribuidores regionais.

Isso implica dizer que, a dificuldade nacional de distribuição de combustíveis aliada à extrema dependência ao produto pode reservar dias difíceis neste fim de ano, período em que o consumo sofre um aumento de 10% com as tradicionais viagens das famílias e com o aumento das entregas de produtos de consumo.

Com relação ao Piauí, a situação é ainda mais grave. Sem porto e sem malha ferroviária em quantidade e qualidade suficientes, a dependência piauiense a outros estados pode ser suprimida somente através do sistema rodoviário, muito mais caro e demorado para atender grandes demandas.

Para se ter uma ideia, apenas uma viagem de trem do Porto de Itaqui, em São Luis (MA), a Teresina equivale a 80 viagens e caminhões carregados com combustível.

Todo esse quadro nos faz lembrar de Alberto Silva, engenheiro por formação, ex-governador do Estado e grande idealizador das grandes obras que pudessem garantir o desenvolvimento do estado.

Dentre muitas de suas obsessões, o transporte público e a construção de estrutura necessária para o desenvolvimento do Estado eram prioridades.

Exemplos disso são a conclusão do Porto de Luís Correia e a construção de grandes ferrovias – incentivadas por Alberto Silva – mas que ainda engatinham.

No entanto, nos últimos anos, o Governo do Estado buscou recursos junto à União para recuperar as BRs que cortam o Piauí, ampliar e até duplicar em alguns pontos.

Apesar de necessárias, estas foram obras que agora já exigem novos reparos e funcionam apenas para atender questões urgentes. Sem olhar para o horizonte no momento certo, o Piauí se ressentiu da ausência de ferramentas importantes para manter o estado devidamente abastecido.

No exemplo acima, observa-se que o título do texto foi construído de modo a causar um estranhamento no interlocutor, pois utiliza os nomes “Alberto” e “razão”. O emprego desses lexemas no sintagma “Alberto tinha razão” induz o leitor a buscar mais informações para verificar se, de fato, o Alberto mencionado seria o ex-governador do Piauí, Alberto Silva, e sobre qual assunto ele tinha razão. Essa confirmação ocorre no final do texto.

O emprego da expressão referencial encapsuladora na forma da introdução referencial “razão”, no título do texto, funciona de modo similar ao título, pois aguça no leitor a verificar o seu significado a partir da leitura do texto, embora a informação encapsulada se encontre diluída no cotexto. Há, portanto, a função discursiva de haver a

recuperação do sentido do objeto de discurso, sentido este que pode ser recuperado através das informações presentes no texto.

A introdução referencial encapsuladora assemelha-se a rótulos prospectivos (FRANCIS, 2003) no que concerne ao seu aspecto funcional, pois pode remeter a uma porção cotextual de forma catafórica e levar o leitor a buscar a confirmação do referente diluído ao longo do texto ao apontar para determinados elementos da situação de comunicação, o que relaciona a introdução referencial encapsuladora à função organizadora e, ao mesmo tempo, persuasiva, no sentido de que busca levar o leitor a confirmar uma informação a partir de um indício presente na expressão referencial, o que conduz à leitura do texto.

Similarmente a Silva (2013), Sousa e Lima (2015) também investigam a ocorrência de introduções referenciais encapsuladoras, muito embora as analisem a partir de uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, com o intuito de analisar expressões designativas de operações da Polícia Federal. Essas introduções referenciais, conforme o que é exposto nesse estudo, encapsulam informações relacionadas ao teor da operação policial em questão e, ao mesmo tempo, introduzem um novo referente na cadeia textual. São analisadas, assim, três ocorrências que designam operações específicas da PF, a saber: a Operação Sanguessuga, a Operação Castelo de Areia e a Operação Sexto Mandamento.

As autoras evidenciam, ao longo do texto, o caráter metafórico desses referentes, os quais sumarizam informações acerca das operações policiais. Essas informações podem ser ativadas por meio do processamento do modelo cognitivo de caráter metafórico que subjaz sua designação. Especificamente, nesse caso, são evocados *scripts* para o processamento, conforme é salientado nesse trabalho (LIMA; SILVA, 2015).

Desse modo, é possível apresentar um panorama atualizado das funções discursivas gerais dos processos referenciais encapsuladores a partir das discussões aqui conduzidas:

1. A função resumitiva pela sumarização de uma porção cotextual (CONTE, 2003; FRANCIS, 2003; CONSTEN; KNEES; SCHWARZ-FRIESEL, 2007);

2. A função de garantir o fluxo informacional (CONTE, 2003; FRANCIS, 2003; CONSTEN; KNEES; SCHWARZ-FRIESEL, 2007);
3. A função de promover a organização macrotextual pela retroação (CONTE, 2003; FRANCIS, 2003), progressão e retroprogressão (FRANCIS, 2003);
4. A função avaliativa/argumentativa (CONTE, 2003; FRANCIS, 2003, CONSTEN; KNEES; SCHWARZ-FRIESEL, 2007);
5. A função de introduzir novos referentes no texto e, simultaneamente, sumarizar uma informação (SILVA, 2013; SOUSA; LIMA, 2015).

O panorama apresentado acima não corresponde apenas a um quadro norteador no que concerne à análise das funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores nos mais diversos tipos de textos, mas também sobressalta a multifuncionalidade das expressões referenciais encapsuladoras e a sua importância para a construção da estrutura e para o funcionamento das ocorrências comunicativas de caráter verbal.

Metodologia e análise do *corpus*

Devido ao escopo deste trabalho, analisamos três artigos de opinião publicados no portal Notícias da TV⁴, de modo que esses textos tratam de assuntos relacionados à programação da televisão brasileira. A opção por esse *corpus* se dá pelo fato de que textos pertencentes ao gênero artigo de opinião apresentam grande circulação e relevância no meio social e, especificamente, os artigos de opinião em que autores discorrem sobre um tema relacionado à televisão brasileira apresentam um grande engajamento dos mais diversos tipos de leitor, como pode ser observado a partir do grande número de comentários na página em que cada texto foi publicado.

Observamos que esses textos tratam, muitas vezes, de assuntos polêmicos e que causam grande comoção na internet, tal qual a forma como a homossexualidade, a questão dos usuários de drogas e a violência são retratadas nas telenovelas. De igual

⁴ Disponível em: <<http://www.noticiasdatv.uol.com.br>>. Acesso em 25 set. 2015.

modo, a qualidade de diversos programas televisivos, dos que tratam de esportes às mais variadas revistas eletrônicas, também é discutida.

Com relação à seleção dos textos analisados, salientamos que ela constitui uma pequena amostra de nossa pesquisa de mestrado e que para escolher as produções textuais analisadas, optamos pelos textos que geraram um maior número de comentários no espaço para participação do leitor.

a) Análise do *corpus*

Vejamos, agora, de que forma os processos referenciais encapsuladores podem ser empregados na construção textual:

(6) Após investir em *tramas ousadas*, Verdades Secretas tem *final moralista*

Um triângulo amoroso envolvendo mãe, padrasto e enteada. Uma agência de modelos de fachada para agenciar prostitutas. Jovens de classe média alta envolvidos com drogas. As tramas de Verdades Secretas, a novela das onze de Globo que terminou nesta sexta-feira (25), apostaram na polêmica. Por **isso**, a novela conseguiu manter ligado o interesse da audiência mesmo com o horário de exibição tardio.

O folhetim de Walcyr Carrasco teve audiência elevada e gerou discussão nas redes sociais, mas os capítulos finais tiveram um quê moralista que destoou do tom pesado e altamente sexual da novela como um todo. Correções e punições fecharam a história de personagens e deixaram de lado a ousadia apresentada e condizente com o horário.

Em uma trama que apostou forte em temas tabus, os finais da maioria dos personagens foram decepcionantes. Larissa (Grazi Massafera), a viciada em crack, se rendeu às promessas da religião; Pia (Guilhermina Guinle), a mãe rica que interna o filho em uma clínica de reabilitação após uma overdose, sentiu culpa por ter sido relapsa; Edgard (Pedro Gabriel Tonini), o ciumento que esfaqueou e matou a noiva por acreditar que ela estava fazendo programa; Fábila (Eva Wilma), a aposentada alcoólatra, foi punida com a solidão por seu comportamento rebelde.

O gancho falso do penúltimo capítulo e o suicídio de Carolina (Drica Moraes) foram como chamar o telespectador de otário, uma vez que ele acompanhou durante quatro meses a trajetória de inocência excessiva da dona de casa, esperando por uma vingança, mas só viu *isso* acontecer por outras mãos, a de Angel (Camila Queiroz). Ao se matar, Carolina plantou a culpa na filha, que, por *isso*, matou Alex (Rodrigo Lombardi) e se casou com Gui (Gabriel Leone).

Sobre o assassinato de Alex, em alto-mar, *algumas lacunas*: a garota mata seu "carrasco" com vários tiros, joga seu corpo no oceano e depois dá um depoimento à polícia dizendo que ele

bateu a cabeça e escorregou. Não haveria buscas do corpo, uma vez que o barco em que ela estava não saiu do lugar? Fantasias folhetinescas...

O capítulo final teve também sua *cota de machismo*. O pai que volta para buscar a filha que acabou de perder a mãe, além de Fanny (Marieta Severo) rastejando-se aos pés de Anthony (Reynaldo Giannechini) e pegando um novo garotão, Leo (Raphael Sander), como se só fosse possível ser feliz ao lado de outro homem.

Entretanto, é preciso reconhecer que desta vez Walcyr Carrasco trouxe para o vídeo *cenas impactantes* _o estupro de Larissa (Grazi Massafera) na Cracolândia foi de um realismo único_ dentro de uma história bem amarrada e sem barrigas. Está certo que os diálogos deram uma derrapada aqui e acolá, em especial aqueles que envolviam a personagem de Eva Wilma, "presenteada" com um texto teatral que não combina muito com a televisão.

A estreante Camila Queiroz também foi uma grata surpresa. Segura e bem dirigida por Mauro Mendonça Filho, a atriz é um achado. Destaque também para o desempenho de Grazi Massafera, do início ao fim de Verdades Secretas. Cabe também um elogio à equipe de caracterização da trama, que imprimiu verdade no visual deteriorado de Larissa.

Mas, sem dúvida alguma, a principal qualidade da história foi sua direção. Caprichado, o olhar bem cuidado de Mauro Mendonça Filho foi essencial para que a novela tivesse todo o sucesso que teve e calibrou o texto de Carrasco. Verdades Secretas teve uma das melhores embalagens entre todas as produções recentes da Globo.

De um modo geral, Verdades Secretas foi uma boa novela e um marco na carreira de Walcyr Carrasco. Que em suas próximas tramas ele mantenha (e eleve) o padrão conquistado aqui.

(Texto disponível em: <<http://goo.gl/7IF4y5>>. Acesso em: 25 set. 2015)

Observa-se, logo no título do artigo, a ocorrência de duas introduções referenciais encapsuladoras que são, respectivamente, “tramas ousadas” e “final moralista”. Essas introduções apresentam, semanticamente, caráter contrastivo pois há uma oposição entre os lexemas ousadia, que denota ruptura com algum padrão, e moral, que se relaciona ao caráter dogmático de algo. Assim, logo no primeiro parágrafo, é explicitado de que forma há o embate entre as tramas ousadas com a função discursiva de aguçar o interesse do leitor, o qual confirmará possíveis suspeitas com relação ao significado dessas expressões referenciais a partir da leitura do texto no qual, posteriormente, o autor apresenta os fatores que consolidaram o final do folhetim como moralista.

No final do primeiro parágrafo, observa-se a ocorrência do pronome anafórico “isso”, que encapsula a porção cotextual antecedente em que são expostos os aspectos ousados da trama. Além de evitar a repetição da porção cotextual procedente, observa-se o caráter organizador dessa anáfora, de modo que há o deslocamento para o próximo assunto a ser abordado no texto. Essa anáfora se repete nos parágrafos terceiro e quarto com a mesma função discursiva.

No quinto parágrafo, é perceptível a ocorrência do rótulo prospectivo “algumas lacunas”, nos termos de Francis (2003), com função organizadora e, por conter um núcleo axiológico, avaliativa, pois chama a atenção do leitor para as incoerências que ocorreram no final da trama.

No sexto parágrafo, temos o rótulo prospectivo “cota de machismo”, o qual encapsula uma informação diluída logo em seguida, em que o autor descreve situações em que personagens femininas são subjugadas a uma determinada figura masculina.

Por fim, no parágrafo posterior, a expressão referencial encapsuladora “cenas impactantes” termina por rotular, prospectivamente, a descrição de uma cena em que uma personagem do folhetim em questão é estuprada na Cracolândia.

(7) Com *final péssimo*, Babilônia perde a chance de se redimir de *erros*

Três autores titulares e mais um time de sete colaboradores. Incrivelmente, ninguém percebeu que o último capítulo de Babilônia, uma das piores novelas das nove da Globo, seria também um dos piores capítulos da trama. Com ele, o folhetim perdeu a chance de se redimir de uma história

fraca e repleta de irregularidades, aquela que seria a grande produção comemorativa dos 50 anos da Globo.

O jogo de gato e rato entre Beatriz (Gloria Pires) e Inês (Adriana Esteves) foi cansativo até o final. A empresária armou para que a advogada fosse incriminada por um crime que não cometeu, mas também foi presa pela morte de Carlos Alberto (Marcos Pasquim). Numa *dessas coincidências folhetinescas*, as duas acabam na mesma cela, onde brigam, mas fogem de lá juntas.

A cena final das vilãs, congelada da mesma maneira como termina o capítulo inicial de Babilônia, tinha tudo para ser icônica. Prestes a morrerem, elas se entreolham enquanto o carro em que estavam despenca de uma ribanceira. Mas faltou emoção ali. As duas, pelo contrário, protagonizaram uma sequência vergonhosa, cheio de gritos, na qual nenhuma fala nada com nada. Espanta, uma vez que os diálogos cortantes sempre foram um ponto alto da novela.

Questão importante deixada para o último capítulo, a revelação do assassino de Murilo (Bruno Gagliasso) também deixou muito a desejar. Com uma confissão rasa de Otávio (Herson Capri), o público descobriu a identidade do assassino, mas não viu a cena do crime ser reconstituída.

A parte mais crítica do final de Babilônia pareceu ser o recado dos autores a toda a caretice que a novela enfrentou. Aderbal (Marcos Palmeira) manda explodir uma igreja para sair como salvador e o seu discurso anti-gay continha uma cutucada ao desenrolar uma bandeira gay da bomba plantada: "Essa bandeira com o arco íris é o símbolo dos destruidores da família brasileira".

As mudanças em Babilônia foram operadas justamente em nome da "família brasileira". Consuelo (Arlette Salles), a matriarca hipócrita e conservadora da família Pimenta, acaba na política ao se tornar governadora do Rio de Janeiro. Um final digno para uma personagem importante da novela.

Houve espaço, ainda, para um beijo entre Estela (Nathalia Thimberg) e Tereza (Fernanda Montenegro), um selinho mais tímido do que aquele beijo que elas trocaram no início. Ivan (Marcelo Melo Jr) e Sergio (Claudio Lins) também deram uma bitoca. Babilônia já foi mais ousada.

De resto, *apenas firulas de último capítulo*: coadjuvantes fechando suas histórias, personagens felizes, vilões punidos e o casal principal feliz. *A audiência correspondeu ao vexame apresentado*: pífios 32,2 pontos na prévia, pouquíssimo para uma trama das nove, a mais baixa de todos os tempos. Gilberto Braga já fez melhor.

(Texto disponível em: <<http://goo.gl/UxHlfG>>. Acesso em: 26 set. 2015)

No texto acima, identificamos duas introduções referenciais: “final péssimo” e “erros”. Essas introduções referenciais induzem o leitor a buscar “confirmações” acerca de seu significado a partir da leitura das informações presentes no cotexto.

No segundo parágrafo, identificamos a ocorrência da anáfora encapsuladora “dessas coincidências folhetinescas”, que rotula uma porção cotextual. Nessa anáfora, verifica-se a contração de uma preposição com o pronome demonstrativo feminino “essa” ligada ao sintagma nominal “coincidências folhetinescas”. Observa-se que, nesse caso, há a ocorrência da função avaliativa (CONTE, 2003), pois há dois lexemas axiológicos que avaliam os eventos descritos. O caráter argumentativo desse tipo de expressão referencial, para nós, é comum em textos do gênero artigo de opinião.

No quarto parágrafo do texto, o rótulo prospectivo “questão importante deixada para o último capítulo” tem seu sentido recuperado logo em seguida, pois se refere à revelação do assassino de um dos personagens centrais do folhetim.

No último parágrafo, salienta-se a ocorrência duas anáforas encapsuladoras que rotulam a porção cotextual posterior: “apenas firulas de último capítulo” e “a audiência correspondeu ao vexame apresentado”, com clara função avaliativa. Assim, pontuamos a ocorrência das anáforas encapsuladoras como um importante recurso a serviço da persuasão do leitor pelo produtor do texto.

(8) Série nacional do ano, Magnífica 70 resgata cinema erótico da ditadura

Uma das melhores séries nacionais dos últimos anos, Magnífica 70 está passando despercebida, quase ninguém fala dela. Injustamente. Se você tem acesso ao HBO Go ou aos serviços de video on demand das operadoras de TV por assinatura e gosta de um drama denso (e tenso), fica a dica. Os dez primeiros episódios estão lá te esperando. O 13º e último vai ao ar na HBO daqui dois domingos, no dia 16, às 21h.

Magnífica 70 resgata o cinema ao mesmo tempo erótico e cômico que lotou as salas de exibição do país nos anos 1970 e início dos 1980, em plena Ditadura Militar (1964-1985). Ambientada na Boca do Lixo, como ficou conhecida a concentração de produtoras de pornochanchandas da rua do Triumpho, no centro de São Paulo, a série se vende como uma obra sobre o "confronto entre o desejado e o proibido, a vontade e a repressão, a liberdade e o preconceito".

Isso já é muito, mas não é tudo. Magnífica 70 tem várias camadas. É, primordialmente, *uma declaração de amor ao cinema*: por mais pobre, comercial e marginalizado que ele seja, sempre se pode encontrar um quê de arte. É, essencialmente, uma série sobre o falso moralismo de um

regime político obscuro. Em *Magnífica 70*, como no cinema e nas ditaduras, nada é o que aparenta ser. O censor é um cineasta nato; a atriz é uma ladra; o machão é impotente sexual; o general do Exército é um torturador tarado.

Magnífica é o nome de uma dessas produtoras da decadente Boca do Lixo. A seu dono, Larsen (Stepan Nercessian), só interessa o lucro das produções baratas. O produtor Manolo (Adriano Garib) a toca com a grossura de um ex-caminhoneiro, mas eventualmente revela alguma sensibilidade artística.

É *nesse local improvável* que vai trabalhar Vicente (Marcos Winter), um reprimido agente da Censura Federal, casado com Isabel (Maria Luisa Mendonça), filha do general Souto (Paulo Cesar Pereio). Vicente se apaixona pela principal (e única) estrela da *Magnífica* ao assistir _e vetar_ um filme que ela protagoniza. Ele vê em Dora Dumar (Simone Spoladore) a cunhada que morreu ainda ninfeta, por quem fora apaixonado.

O censor se arrepende de ter proibido o longa e trata ele mesmo de salvá-lo. Cria um final moralista, ao gosto dos militares, e o libera para as massas. Em seguida, escreve e dirige um filme um tanto autobiográfico, inspirado nele mesmo, em sua mulher e na cunhada morta.

Esse é o enredo central de uma história cheia de viradas, de um roteiro que surpreende a cada episódio, às vezes violento, outras vezes erótico, eventualmente engraçado, com personagens sempre dúbios, muito bem defendidos por um elenco afinado tal qual uma orquestra. *Magnífica 70* é, provavelmente, o melhor trabalho de Marcos Winter.

A direção de arte reconstitui os anos 1970 com precisão. A fotografia é impecável ao reproduzir as cores e as luzes estouradas do cinema que se produzia nos "anos de chumbo". A direção de Claudio Torres e Carolina Jabor aparentemente consegue muito mais do que o orçamento permitiu.

Enfim, *Magnífica 70* é a melhor série da TV brasileira de 2015 _embora ainda estejamos na metade dele. Está no mesmo patamar de Amores Roubados, Felizes para Sempre e A Teia, da Globo. Na TV paga, só encontra concorrentes em qualidade em Sessão de Terapia, do GNT, e em Alice, também da HBO.

(Texto disponível em: <<http://goo.gl/OIPRbK>>. Acesso em: 26 set. 2015).

O texto acima apresenta a ocorrência de uma anáfora retrospectiva (FRANCIS, 2003). Esse tipo de anáfora encapsuladora empacota uma porção cotextual anterior e, ao mesmo tempo, direciona a informação para uma junção com lexemas axiológicos. No mesmo parágrafo, a expressão referencial “uma declaração de amor ao cinema” rotula a situação apresentada após os dois pontos de forma positiva.

No quarto parágrafo, a expressão referencial “nesse local improvável” rotula o cenário descrito no parágrafo anterior e os lexemas “local” e “improvável” reforçam na memória do leitor a imagem do tipo de ambiente em que pare da história do seriado acontece.

No quinto parágrafo do texto, a expressão referencial encapsuladora retrospectiva “esse é o enredo central de uma história cheia de viradas” sumariza todas as informações presentes nas porções cotextuais posteriores como partes constitutivas de uma história “cheia de viradas”, o que auxilia o autor do texto na construção de sua argumentação. A avaliação positiva do seriado é construída ao longo de todo o texto e frisa-se, com isso, a importância das expressões referenciais com função encapsuladora. Essas expressões referenciais não apenas resumem e organizam o texto, mas também permitem ao leitor expor o seu ponto de vista acerca das situações descritas no texto.

Considerações finais

Neste trabalho, realizamos um percurso pela abordagem teórica da referenciação e tratamos dos processos referenciais encapsuladores. Vimos que a Teoria da Referenciação, proposta por Mondada e Dubois (2003), possibilitou que a Linguística Textual passasse a reconhecer os processos sócio-cognitivos envolvidos na construção do referente e no processamento de textos. Tratamos dos processos referenciais e analisamos uma série de exemplos nos quais evidenciamos as funções discursivas que estes exercem. Mais especificamente, nos interessamos pelos processos referenciais encapsuladores, os quais são, para nós, um importante recurso coesivo multifuncional.

A partir das discussões teóricas realizadas, analisamos o *corpus* por nós adotado e observamos que os processos referenciais encapsuladores apresentam uma série de multifunções, pois operam não apenas como uma anáfora resumitiva, mas que também são um importante recurso coesivo ligado à organização e estruturação do texto e que muito contribui para a construção da argumentação no âmbito textual, além de poderem ocorrer na forma de uma introdução referencial encapsuladora. Todas essas funções se relacionam à elaboração do texto como uma unidade de coerência.

Não objetivamos, aqui, propor novas categorias para os processos referenciais, embora acreditemos que, de fato, os processos referenciais exerçam funções específicas nos mais diversos gêneros textuais e que, além disso, uma tipologia das funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores seja necessária. Acreditamos que o quadro de funções discursivas gerais apresentado neste trabalho bem como a análise aqui realizada possam servir como base para pesquisas futuras a partir de diversos *corpora* constituídos por textos dos mais diversos gêneros.

Referências

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São paulo; Contexto – (Coleção Clássicos da Lingüística), 2003, p.53-84.
- BERRENDONNER, A. Note sur la contre-inférence. *Cahiers de Linguistique Française*, 7: 259-277, 1986.
- _____. Anaphores confuses et objets indiscrets. In: SCHNEDECKER et al (ed). *L'Anaphore Associative*. Paris: Klincksieck. 1994, p. 209-230.
- CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- _____; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. *Coerência, referenciação e ensino*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- CONSTEN, M.; KNEES, M.; SCHWARZ-FRIESEL, M. The function of complex anaphors in texts: evidence from corpus studies and ontological considerations. In: SCHWARZ-FRIESEL, Monika; CONSTEN, Manfred; KNESS, Mareile. *Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007.
- CONTE, M.-E. Anaphoric encapsulation. In: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto – (Coleção Clássicos da Lingüística), 2003.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma

abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). *Referenciação*. Clássicos da Linguística. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003.

ESTEVES, L. B. *As funções discursivas dos processos referenciais encapsuladores em artigos de opinião*. 2015. 52f. – Projeto de dissertação de Mestrado em Linguística - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, CE, 2015.

FRANCIS, G. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: Coulthard, M. (ed.). *Advances in written text Analn*: RODRIGUES, B; CIULLA, A. (orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto – (Coleção Clássicos da Linguística), 2003.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

KOCH, I. G. V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. In: *Veredas- Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 29-42, 2004.

SILVA, F. O. *Formas e funções das introduções referenciais*. 2013. 127f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2013.

SOUSA, M. A. S. S.; LIMA, S. M. C. Operação sanguessuga, operação castelo de areia e operação sexto mandamento: meras designações ou verdadeiras caixas de pandora? In: *Veredas- Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 19, n. 2, p. 344-356, 2015.